

■ Universidade Aberta

.....Paolo Do

Com esta pequena contribuição, gostaria de destacar alguns aspectos relativos à hierarquia dentro da fábrica de conhecimento, ao invés de concentrar-me na forma como o sistema de ensino superior produz a hierarquia do mercado de trabalho contemporâneo (tema que também já foi alvo de discussão em outros textos excelentes que fazem parte desta lista). Gostaria de começar com duas perguntas relativamente simples: a quem ou a quem serve a hierarquia dentro da universidade e como ela é utilizada? E quais são os dispositivos que a reconhecem e reproduzem?

Em minha opinião, a hierarquia dentro da universidade é um dispositivo de governo que impede a gestão coletiva da produção de conhecimento e o funcionamento autônomo da universidade. Nada mais, nada menos. Sua existência está relacionada a este objetivo. A hierarquia é sustentada por dispositivos de diferenciação e de divisão vertical, “autoridade” e comando “puro” sobre a cooperação. No entanto, essas hierarquizações são fictícias, falsas e artificiais, e possuem uma clara função política.

Nesse sentido, quais seriam as ferramentas utilizadas com esse “nobre propósito”? Em primeiro lugar, a hierarquização interna que separa estudantes, pesquisadores, professores e semiprofessores, se funda (ou se baseia) na hegemonia do conhecimento-morto sobre o conhecimento-vivo. O conhecimento morto, por sua vez, se baseia na reprodução, em vez de produção; é um conhecimento que não mobiliza a experiência, pelo contrário, até evita a experiência como um elemento inconveniente. É um conhecimento carente de vida, não cooperativo, um “conhecimento que apenas reproduz conhecimentos fáceis e já estabelecidos”. O conhecimento vivo, ao contrário, produz ação e torna possível a emergência do novo: não se trata de um conhecimento neutro porque se posiciona e representa uma ameaça.

Ademais, podemos encontrar uma espécie de trabalho afetivo e reprodutivo na universidade. A universidade investe em trabalho voltado para as relações: notem a multiplicação de tutores e conselheiros. Está em jogo uma espécie de “poder pastoral”, como disse Foucault, sobre as carreiras e a formação dos alunos. Este trabalho relacional e afetivo atua contra uma potencial ‘socialização por baixo’ dos alunos. A socialização em espaços didáticos pode nos proporcionar

alguns processos criativos “longamente aguardados, mas não esperados” de resistência coletiva ao conhecimento morto. Esse espaço de socialização interno à universidade é cada vez mais absorvido pela própria universidade, de uma forma performativa, através da diferenciação dos papéis. (Na Itália, alguns estudantes estão sendo pagos pela universidade para aconselhar outros estudantes a não perderem tempo ou saírem da universidade, a concluírem seus cursos no devido tempo, a seguirem em frente, a superarem as dificuldades relacionadas aos exames; um poder que se torna mais e mais eficaz à medida que se torna capilar, pessoal e individualizado).

Este processo de hierarquização interna envolve diferenças de salário e de garantias para aqueles que trabalham e estudam na universidade. O trabalho precário é um instrumento que mina a autonomia da produção do conhecimento, e está estreitamente relacionado a um certo tipo de conhecimento. Além disso, a existência do Professor (com P maiúsculo) remete a uma estrutura de poder medieval e a mecanismos de total servidão que persistem em muitas universidades na Itália, França e, sobretudo, na Europa Oriental. (Seria interessante a criação de uma pesquisa para mapear as diferentes tipologias, condições de trabalho e disposições contratuais em nível global).

Finalmente, gostaria de chamar a atenção para outro mecanismo de hierarquia: a construção da “excelência”. Afinal de contas, isto realmente não tem nada a ver com excelência. Trata-se, sobretudo, de diferenciação, segmentação e divisão. Como funciona o mecanismo de excelência? O que é excelência na universidade? É um dispositivo elitista. As medidas de excelência atuais envolvem uma seleção dos alunos que estão isolados. Nas partes da universidade consideradas “excelentes”, você encontrará apenas os melhores alunos.

Quando ouço sobre uma universidade autônoma, penso em algo bem diferente de uma cooperativa administrada pelos trabalhadores, como li em alguns textos recentes na lista. A universidade autônoma é um dispositivo político. Ela não existe sem conflito. Não se trata de “uma boa universidade”, mas de um campo de batalha. Evidentemente, é um espaço para a minoria, mas uma minoria ativa que possa ameaçar a maioria. Não é um gueto. Trata-se de uma espécie de soviete onde as condições de trabalho no âmbito da universidade estão imediatamente e intimamente ligadas à qualidade e ao tipo de conhecimento produzido, explorado e socializado. É um espaço onde o conflito é praticado.

Nesse sentido, a excelência da universidade torna-se o limiar entre trabalho vivo e trabalho morto. Sendo o trabalho vivo aquele que implica produção de conhecimento, não a mera reprodução. Falar de universidade autônoma é, por-

tanto, encontrar um ponto de partida para atacar e para ocupar os espaços pertencentes ao inimigo. Isso significa afirmar e praticar, através da auto-educação, novas formas de redefinir a noção de excelência. Excelência deve ser entendida, neste contexto, não como raridade oposta à mediocridade das massas, mas deve ser determinada por um conhecimento atual e urgente. Não se trata de um sistema elitista, mas de uma forma de cooperação intensa que também é conflituosa e que se manifesta através de processos autônomos de produção de conhecimento.

■.....**Paolo Do** é doutorando pela *Queen Mary University of London* e faz pesquisa na área de produção do conhecimento, trabalho imaterial e precariedade. É um dos fundadores da rede transnacional edu-factory e membro do *Atelier Ocupato ESC*, espaço de produção comum localizado em Roma, Itália.

